



Efeito Bandura: a imitação do comportamento homicida

Antonio C. B. Campos

Resumo: O propósito deste artigo é sensibilizar a sociedade para a diferença no tratamento da informação publicada sobre homicídios e suicídios na mídia brasileira. Destacamos o fato de que a Organização Mundial de Saúde reconhece uma relação direta entre o grau de publicidade que um suicídio alcança e o número de suicídios que ocorrem depois dele. Com o intuito de diminuir os casos de suicídios por imitação foram elaborados manuais contendo recomendações aos profissionais de mídia para divulgá-los sem destaque; sem sensacionalismo; sem imagem; sem divulgação de nomes, local e motivação; sem detalhamento do método etc. Reconhecendo a importância dessas orientações, indagamos: e quanto ao homicídio? Há orientações para divulgá-lo que vise à sua prevenção? A imitação é uma idiosincrasia específica do suicídio ou existe também a possibilidade de eclosão de outros homicídios motivados pela publicação detalhada de um precedente?

Palavras chaves: homicídio; suicídio; mídia; Bandura; Werther.

Resumen: El propósito de este artículo es sensibilizar a la sociedad sobre la diferencia en el tratamiento de la información publicada sobre homicidios y suicidios en los medios brasileños. Destacamos el hecho de que la Organización Mundial de la Salud reconoce una relación directa entre el grado de publicidad que logra un suicidio y el número de suicidios que se producen después de él. Con el fin de reducir los casos de suicidios por imitación, se crearon manuales que contienen recomendaciones para que los profesionales de los medios los difundan sin protagonismo; sin sensacionalismo; sin imagen; sin divulgación de nombres, ubicación y motivación; sin detallar el método, etc. Reconociendo la importancia de estas pautas, preguntamos: ¿y qué pasa con el homicidio? ¿Existen pautas para divulgarlo dirigidas a su prevención? ¿Es la imitación una idiosincrasia específica del suicidio o también existe la posibilidad de que estallen otros homicidios motivados por la publicación detallada de un precedente?

Palabras llave: homicidio; suicidio; medios de comunicación; Bandura; Weter.

Abstract: This article aims at sensitizing society in relation to the difference in the treatment of information published on homicides and suicides in the Brazilian media. We highlight the fact that the World Health Organization recognizes a direct relationship between the degree of publicity that suicide achieves and the number of suicides that occur right after it. In order to reduce cases of suicides by imitation, manuals were created with recommendations for media professionals in order to publicize it without prominence, sensationalism, images, names, locations, motivations, and also without detailing the method used. Recognizing the importance of these guidelines, we ask: what about homicide? Are there guidelines for preventing it? Is imitation a specific idiosyncrasy of suicide or is there also the possibility of other murders to break out motivated by the detailed publication of a previous one?

Keywords: homicide; suicide; media; Bandura; Wether.



Corpo de campeão olímpico encontrado em viaduto no Rio de Janeiro.

Fernando Antonio, um símbolo do atletismo brasileiro, se enforcou utilizando uma corda amarrada à estrutura do Viaduto do Gasômetro no Rio de Janeiro. O atleta, que enfrentava dificuldades financeiras, deixou uma carta afirmando ter encontrado no suicídio a melhor solução para toda a família. Seu corpo será velado na Câmara Municipal do Rio de Janeiro para que admiradores e familiares possam prestar as últimas homenagens.

A julgar pelas ocorrências regularmente divulgadas sobre homicídios na mídia brasileira, a notícia que encabeça esse artigo poderia ser considerada adequada para a capa de um periódico de circulação nacional ou até mesmo para a chamada de um programa vespertino da televisão aberta. Mas o estranhamento causado pela sua leitura justifica-se por não ser ela uma publicação sobre homicídio e sim sobre suicídio.

Na verdade, a notícia em destaque é uma provocação sensacionalista sem nenhuma conexão com a realidade, inventada especialmente para este trabalho. Seu propósito é sensibilizar o leitor para a diferença no tratamento da informação publicada sobre homicídios e suicídios. Encarna também antítese da orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a elaboração de notícias sobre o suicídio com o intuito de evitar o “Efeito Werther”¹ — como é denominado o “Efeito Copycat”² para se referir aos casos de suicídios por imitação.

Para a OMS, há uma relação direta entre o grau de publicidade que um suicídio alcança e o número de suicídios que ocorrem depois dele, especialmente se o primeiro foi consumado por pessoa socialmente reconhecida. Em 2020, por meio do documento Prevenção do Suicídio: Um Manual

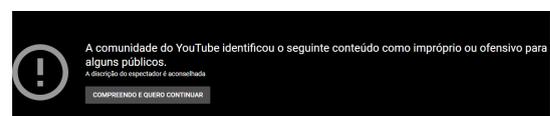
¹ Efeito Werther: Expressão cunhada pelo sociólogo David Phillips, em 1974, para se referir à imitação do comportamento suicida. É uma alusão ao suicídio da personagem Junen Werther, na novela Die Leiden (1774) de Goethe, entendido como estúpido para vários suicídios na Europa.

² Efeito Copycat: Termo resultante da justaposição das palavras inglesas *copy* = cópia e *cat* = gato, para expressar a imitação de um comportamento.

Fundamenta-se na observação de que os filhotes de gatos imitam o comportamento da mãe.

para Profissionais de Mídia, a instituição sugere que as notícias sobre suicídio sejam divulgadas sem destaque; sem sensacionalismo; sem imagem; sem divulgação de nomes, local e motivação; sem detalhamento do método e sem exaltação às virtudes do suicida. Recomenda ainda que elas atribuam multifatorialidade ao ato, revelando, se verdade for, possíveis comprometimentos psíquicos ou neurológicos do suicida, assim como os impactos negativos gerados aos familiares pelo seu ato (OMS).

Essas recomendações e outras constantes do manual se propõem a diminuir os casos de suicídios por imitação. Implicitamente, se reconhece que muito mais do que informar, ilustrar e acrescentar interpretações às questões pautadas pela sociedade, a mídia determina, em grande medida, a própria pauta social. De certa forma, as orientações constantes do manual da OMS são seguidas pela mídia, ou pelo menos, pela maioria dos profissionais considerados sérios do setor. Por isso, não estamos habituados a nos defrontar com notícias sobre suicídio como a apresentada na abertura deste trabalho. A título de exemplo das restrições impostas pela mídia quando o assunto é suicídio, cabe-nos contar que ao realizar uma busca na internet visando aceder um programa do Professor Mario Sergio Cortela sobre o tema, os algoritmos nos direcionaram ao comunicado abaixo.



[\(MARIO SERGIO CORTELA - SUICÍDIO, 2018\)](#)



Somente após declararmos ciência de que o *YouTube* havia classificado o vídeo demandado como “impróprio ou ofensivo para alguns públicos” e nos comprometemos a ser discretos em relação a ele, nos foi possível acessar seu conteúdo. O cuidado do You Tube surpreendeu-nos ainda mais, ao constatarmos que o conteúdo do programa não expunha nenhum caso específico de suicídio, limitando-se aos seus aspectos históricos e psicológicos; o que ilustra bem o tabu estabelecido pelo tema.

Para o bem do entendimento, consideramos importante aclarar que não fazemos objeções às orientações da OMS que visam à prevenção do suicídio. Tampouco nos opomos ao fato da mídia seguir essas orientações. Ao contrário, reconhecendo a importância delas, indagamos: e quanto ao homicídio? Há orientações para divulgá-lo que vise à sua prevenção? A imitação é uma idiosincrasia específica do suicídio ou existe a possibilidade de eclosão de outros homicídios motivados pela publicação detalhada de um precedente?

Para explicitar a diferença na elaboração das notícias sobre homicídios e suicídios, abro mão da formalidade do texto e convoco o leitor a realizar um pequeno experimento. Na internet, abra o site de busca de sua preferência e realize duas pesquisas utilizando, uma a uma, as seguintes frases: 1ª. orientações para noticiar suicídios; 2ª. orientações para noticiar homicídios.

Realizei as buscas no Google utilizando a janela anônima para evitar influências de pesquisas anteriores. Os dez primeiros resultados para a primeira busca atenderam exatamente ao que foi solicitado e elencaram sites que apontaram para o cuidado com a publicação de notícias sobre o suicídio visando mitigar o Efeito Werther. Incluíam,

em primeiro lugar, o site do manual de orientações da OMS referenciado neste trabalho.

Resultados da busca “orientações para noticiar suicídios”:

[PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: UM MANUAL PARA ...www.who.int > suicide > suicideprev_media_port](https://www.who.int/pt-br/news-room/fact-sheets/detail/prevention-of-suicide)
PDF

A televisão também influencia o comportamento suicida. Philips (7) demonstrou um aumento nos suicídios até 10 dias após a TV noticiar algum caso de suicídio.

[Saber agir e prevenir - CVVwww.cvv.org.br > 2017/09/](http://www.cvv.org.br/2017/09/09/folheto-jornalistas)
[folheto-jornalistas](#)
PDF

nos meios de comunicação e evitar o efeito contágio. Suicídio. Saber, agir e prevenir. ... Não se deve noticiar suicídios recentes ... seguindo as orientações.

[Suicídio - Saúdeportalarquivos2.saude.gov.br > pdf >](https://saudeportalarquivos2.saude.gov.br/docs/2017/09/20170920_20170920.pdf)
[setembro](#)
PDF

20 de set. de 2017 — nos meios de comunicação e evitar o efeito contágio. Suicídio. Saber, agir e prevenir. ... notícias sobre o suicídio ... seguindo as orientações.

[10 recomendações sobre como noticiar suicídios,](https://www.ibes.med.br/10-recomendacoes-sobre-como-not...)
[segundo a ...www.ibes.med.br >](#)
[10-recomendacoes-sobre-como-not...](#)

10 recomendações sobre como noticiar suicídios, segundo a OMS. 20 de setembro de 2019; Posted by: marketing IBES; Category: Notícias.

[Notícias sobre suicídio veiculadas em jornal Brasileiro](https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/noticias-s...)
[...www.cienciaesaudecoletiva.com.br > artigos >](#)
[noticias-s...](#)

0225/2019 - Notícias sobre suicídio veiculadas em jornal Brasileiro. ... São desejáveis as orientações sobre indicadores de risco e sinais de alerta ligados ao ...

[Cartilha traz orientações para sociedade sobre prevenção](https://www.gov.br/noticias/assistencia-social/2020/09/8-de-set-2020)
[ao ...www.gov.br > noticias > assistencia-social > 2020/09](#)
8 de set. de 2020 — Segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o suicídio representa 1,4% de todas as mortes em todo o mundo, e, entre ...

[Suicídio e jornalismo: Conciliar o dever de informar e não](https://www.jornaldebetrato.com.br/noticia/suicidio-e-jorn...)
[...www.jornaldebetrato.com.br > noticia > suicidio-e-jorn...](#)

19 de set. de 2020 — Muitos veículos optam por não divulgar suicídios, crendo que isso possa ... a cartilha “Comportamento Suicida: conhecer para prevenir”, uma orientação ... Quando o suicídio for notícia, sugere-se uma reportagem discreta, ...

[Suicídio: como falar sobre o ato sem promovê-lo - BBC](https://www.bbc.com/portuguese/geral-39714347)
[News ...www.bbc.com > portuguese > geral-39714347](#)

26 de abr. de 2017 — Abril também trouxe notícias sobre suicídios consumados e tentados em ... apoio e orientação, desconectados com a vida”, afirma Ramasine.

[Comportamento suicida - PROECwww.proec.ufpr.br >](https://www.proec.ufpr.br/extendao/abr/suicidio)
[extensao > abr > suicidio](#)
PDF

Fazemos orientação sobre doenças mentais ... Notícias sobre suicídio trazem à tona conhecido dilema: como conciliar o dever de informar, sem ferir a ...

[Afiml. imprensa deve ou não noticiar os casos de](https://www.bhaz.com.br/ultimas-noticias-brasil)
[suicidio ...bhaz.com.br > Últimas Notícias > Brasil](#)

23 de set. de 2017 — OMS recomenda que imprensa noticie casos de suicídio, porém, evitando o sensacionalismo; jornalistas ouvidos pelo Bhaz opinam sobre o .. (GOOGLE)



Quanto aos dez primeiros resultados para a segunda busca, os resultados não atenderam ao que foi solicitado. Os sites elencados revelaram dados estatísticos de homicídios, manchetes de revistas, aspectos legais etc. Não houve entre eles nenhuma orientação da OMS ou de outros organismos para direcionar os cuidados com a publicação dos homicídios que visasse prevenir a imitação do crime divulgado.

Resultados da busca “orientações para noticiar homicídio”:

[Motivação dos crimes de homicídios - Centro de Apoio à Criança mppr.mp.br > pagina-1321](#)

Motivação dos crimes de homicídios. ... De 25% a 80% dos homicídios no Brasil são cometidos por impulso ou motivo fútil. Entre 2011 ... (Ler notícia na íntegra.) ...

[Homicídio de vulnerável pode ser enquadrado como crime ... www12.senado.leg.br > noticias > materias > 2020/11/26](#)

26 de nov. de 2020 — Projeto que tipifica o homicídio de vulnerável, enquadrando-o como crime hediondo, aguarda deliberação da ... MAIS NOTÍCIAS SOBRE:

[Homicídios diminuíram 21.1% de janeiro a outubro de 2019 ... agenciaibrazil.ebc.com.br > geral > noticia > homicidios-...](#)

17 de fev. de 2020 — As informações fazem parte dos boletins de ocorrência dos estados e do Distrito Federal, compiladas pelo ministério por meio da plataforma ...

[Notícias sobre Homicídio | VEJAveja.abril.com.br > noticias-sobre > homicidio](#)

Notícias sobre Homicídio. Talíria Petroni Política · Miliciano ligado a Escritório do Crime planejou ataque a deputada no Rio.

[Pesquisar | Agência de Notícias | IBGE Agencia de Noticias. ibge.gov.br > busca-avancada > conte...](#)

Isso representa... Produto: Tábuas Completas de Mortalidade. NOTÍCIA. Estatísticas do Registro Civil. Mortes violentas atingem até 11 vezes mais ...

[Homicídios contra comunidade LGBT reduzem em 33% em ... www.mt.gov.br > web > sesp > 16133045-homicidios-c...](#)

No entanto, o número de homicídios registrados apresentou redução de 33% ... de registros deve-se à criminalização da discriminação por orientação sexual e ...

[Homicídios no Brasil. Dados dos homicídios ocorridos no Brasil brasilescola.uol.com.br > brasil > homicidios-no-brasil](#)

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o país com o maior índice de mortes por arma de fogo por habitantes. Essa média é ...

[Taxa de homicídios de negros é mais do que o dobro da de ... sao-paulo.estadao.com.br > noticias > geral.taxa-de-ho...](#)

Atlas da Violência mostra perfil das 62,5 mil pessoas assassinadas no Brasil em 2016, confirmando a tendência de maior violência contra jovens e negros, em ... (GOOGLE)

[Com quarentena, crimes patrimoniais em SP caem até 65 ... www1.folha.uol.com.br > cotidiano > 2020/04 > com-q...](#)

10 de abr. de 2020 — ... até 10% nos chamados crimes de sangue —homicídios e latrocínios ... fiscaliza o poder público, veicula notícias proveitosas e inspiradoras, ...

[Segurança: Relatório mostra queda no número de homicídios ... www.aen.pr.gov.br > modules > noticias > article > tit=...](#)

27 de fev. de 2019 — Confira o áudio desta notícia ... A taxa de homicídios por 100 mil habitantes foi de 17,22. ... A integração é uma orientação do governador, Ratinho Junior, que está empenhado em investir em segurança pública para que os ... (GOOGLE)

Ao observarmos o resultado das buscas, saltam-nos aos olhos o cuidado com a elaboração da notícia sobre o suicídio — o que justifica o estranhamento do leitor diante da provocação sensacionalista que encabeçou este trabalho. Entretanto, quando se trata de homicídios, deparamos com publicações expositivas e sensacionalistas publicadas pelos mais bem conceituados veículos de comunicação. As notícias sobre homicídios ocupam um grande espaço na mídia e se apresentam quase sempre acompanhadas de fotos e relatos dos seus pormenores, contendo o nome da vítima, do criminoso, a motivação do crime, o local, a possível pena que o homicida poderá pagar etc.

Vejamos alguns fragmentos de publicações sobre homicídios facilmente localizadas na internet. Demos preferência às notícias veiculadas por sites de instituições de mídia sólidas como a Revista Veja; o G1 Rio; Jornal Correio da Cidade do Alto Paraopeba e Folha de São Paulo:

[Ex-marido que assassinou juíza tem prisão convertida em preventiva \[Revista Veja\]](#)

Viviane Vieira, 45 anos, foi morta a facadas na véspera de Natal em frente às filhas; câmeras de segurança registraram o crime. (SAMPAIO, 2020)

[Polícia investiga morte de homossexual com 17 facadas no Complexo da Maré, Rio \[G1 Rio\]](#)

Corpo de Luiz Pereira também estava com sinais de degolamento, segundo testemunha do caso. Comissão de Combate às Discriminações da Alerj acompanha investigação. (RODRIGUES, 2019)

[Jovem de 16 anos é acusada de matar bebê após dar à luz em casa \[Jornal Correio da Cidade\]](#)

Criança foi encontrada com diversas perfurações pelo corpo; o caso está sendo tratado pela polícia como infanticídio, que leva em consideração a influência do estado puerperal. (JORNAL CORREIO DA CIDADE, 2019)



[Filho mFata o pai de 63 anos a marteladas em São Paulo \[Folha de São Paulo/UOL\]](#)

Jovem de 21 anos confessou crime com de [sic] detalhes, segundo a polícia; dois homens, suspeitos de ajudar a abandonar corpo em terreno, estão foragidos. (HENRIQUE, 2021)

[O único brasileiro vivo condenado por genocídio é retrato de terra sem lei \[Revista Veja\]](#)

Entradas e saídas de criminoso da prisão são o exemplo maior da impunidade que reina na Amazônia. (GONÇALVES, 2020)

Essas notícias revelam detalhes que nos enchem de horror, mas os veículos de comunicação não se furtam a divulgá-las. Interessa a eles inferir se o crime atende aos princípios da surpresa, da negatividade, da simplificação e da sintonia com o seu público (MININNI, 2008), para determinar seu valor de notícia, seu valor de mercado e então publicá-lo. Desconsideram, assim, a possibilidade da ocorrência de outros crimes a partir do Efeito Copycat.

Na sequência, faremos um pequeno recorrido sobre suicídio e homicídio ao longo da história e em sociedades distintas.

Suicídio, sociedade e religião.

Casos de suicídio ocorrem em todas as sociedades e em todas as épocas. Na Roma antiga, assim como no contemporâneo Japão do século XX, o suicídio chegava a ser reconhecido como ato heróico ou de redenção: o último ato de um homem livre. Já na Idade Média, a Igreja Católica, influenciada pelos ensinamentos de Santo Agostinho, passou a reconhecê-lo como pecado e a punir o suicida com a privação dos ritos fúnebres, do enterro em campos sagrados, consentindo, inclusive, com a mutilação do cadáver, o que passou a legitimar o confisco dos seus bens em favor da Coroa.

Com a chegada do século XVII, vozes como a de Shakespeare, amplificada por seu trágico personagem Hamlet, apresentavam às elites e ao

homem comum, o suicídio como um dilema humano da idade moderna, enquanto a ciência distanciando-se do divino, identificava a melancolia e a alienação mental como suas possíveis causas.

Apesar da mudança de entendimento sobre o suicídio ao longo da história, a Igreja Católica da primeira metade do século XX ainda negava as exéquias cristãs ao suicida, o que resultava em deixá-lo seguir sozinho, sem a sua proteção, até Deus para ser julgado. Somente a partir do Concílio Vaticano II, em 1961, a Igreja passou a reconhecer as “perturbações psíquicas graves, a angústia ou o temor grave duma provação, dum sofrimento, da tortura”, como atenuantes para o pecado do suicida e admitiu orar a Deus pela sua absolvição. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, §. 2282-2283).

Considerações semelhantes às católicas são encontradas em O Livro dos Espíritos, organizado no século XIX por Allan Kardec para estabelecer os Princípios da Doutrina Espírita. Para os espíritas, a vida é um bem que somente Deus pode dispor e, por isso, o suicida voluntário transgride uma lei divina e retarda sua entrada em um mundo melhor. Sujeita-se, assim, a sentir “os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção” (KARDEC, 2013, p. 429). Apesar da grave punição prevista para o suicida pelo espiritismo, a religião admite que se o sacrifício da própria vida se der isento de orgulho e em favor de outrem, ou de forma involuntária, como os praticados pelos loucos, ele não se constituirá transgressão às leis divinas e, ainda, no primeiro caso, será considerado um ato sublime.

No Alcorão, livro sagrado que contém o código religioso, moral e político dos muçulmanos, há uma única restrição explícita ao suicídio que se encontra



em um versículo que também orienta a prática do consumo e do comércio entre os homens. Assim, a punição para um consumo inadequado, para uma relação não consentida e para o suicídio, desde que seus autores os tenham forjado de forma deliberada, é a mesma: a introdução no fogo do inferno.

29. Ó fiéis,(246) , não consumais reciprocamente os vossos bens, por vaidades, realizai comércio de mútuo consentimento e não cometais suicídio, porque Deus é Misericordioso para convosco.

30. Aquele que tal fizer, perversa e iniquamente, introduzi-lo-emos no fogo infernal, porque isso é fácil a Deus. (ALCORÃO, 4ª SURATA, VERSÍCULOS 29-30)

Ao contrário das religiões teístas já citadas, o Budismo, originado na Índia do século VI a.C., sustenta como primeiro preceito de sua moralidade a reprovação ao homicídio, mas não dedica tratamento diferenciado aos suicidas. Afirma a Monja Coen em vídeo no Youtube:

“[...] o Budismo é contrário ao suicídio, mas nós tratamos os suicidas da mesma maneira que tratamos quem morreu num acidente, quem morreu de velhice [...] o ser humano que morreu, quer por vontade própria ou por vontade não própria, é um ser pelo qual nós oramos. Que vá para a luz infinita. Não é dada nenhuma reza especial e não é deixado de orar.” [\(COMO O BUDISMO VÊ O SUICÍDIO?\)](#)

Homicídio, sociedade e religião

Inveja e ciúme motivaram Caim a matar Abel, ambos filhos de Adão e Eva — conta-nos a mitologia cristã. Ao perceber a predileção de Deus às oferendas do Abel, o primogênito Caim matou seu irmão. Como castigo, Deus amaldiçoou o lavrador a não colher mais os frutos da terra e o marcou de modo a que nenhuma pessoa o pudesse matá-lo, perpetuando sua desgraça. Esse fratricídio foi o primeiro caso de assassinato registrado no livro sagrado do povo cristão. Remete-nos, portanto, aos primórdios da humanidade (BÍBLIA, Gênesis, 4, 1-15).

Narrar um crime na gênese da humanidade não é uma característica somente da mitologia cristã. Violência e crime se presentificam na maioria delas. Só para exemplificar, apresentaremos sucintamente algumas narrativas constantes das mitologias grega, nórdica e yorúbá-nagô.

Relatam-nos os gregos, em uma de suas tradições sobre a criação, que o Titã Cronos, filho mais novo do poderoso Urano — rei do céu —, castrou-o e o substituiu como governante. Ciente de seu ato e temendo passar por igual desventura, Cronos matou e devorou seus próprios filhos para se garantir reinando no Olimpo.

Na mitologia nórdica, encontramos o Deus Odin e seus irmãos matando o Gigante Ymir e vendo brotar de sua carne, a Terra; de seu sangue, os rios e oceanos; de seus ossos, as montanhas e de seus cabelos, as árvores.

Entre os yorúbás-nagô, o mito da criação não se funda em um homicídio, mas na iminência dele: Oduduwa e seu irmão mais novo, Orishala, se digladiaram reclamando para si o advento da Criação da Terra — confronto que não chegou ao homicídio graças à intervenção do pai Olorum que atribuiu o papel de Criador da Terra ao irmão mais velho e de Criador da Humanidade ao mais novo.

Um dos grandes porta-vozes do discurso científico no século XIX, Darwin avalia o estado social dos homens primitivos em sua horda a partir da observação dos símios superiores e lança a hipótese de ter sido um parricídio o primeiro homicídio doloso da história. Em uma versão não religiosa, o cientista indica esse crime como o primeiro passo do homem em direção à cultura: no centro da horda darwiniana encontra-se um pai forte e violento que domina todas as fêmeas e expulsa seus filhos para não compartilhá-las. Os filhos mais fortes formam novas hordas e as estruturam conforme a horda paterna, admitindo a



relação sexual apenas entre o líder e as fêmeas do grupo, enquanto seus irmãos mais fracos permanecem exilados e sem hordas. Em ato de rebelião, os exilados retornam à horda paterna e juntos realizam o que não era possível individualmente: matam o pai. Surgem então as hordas fraternas, em que as interdições do parricídio e do incesto, impostas pela força na horda primeva, ganham caráter simbólico e possibilitam o surgimento de uma nova estrutura social. Trata-se de um crime sem punição, a não ser que consideremos a culpa e o remorso gerados em seus filhos — responsáveis pela força simbólica dos interditos — como uma pena a ser paga pela humanidade (CAMPOS, 2015).

Violência e lei

Vimos que a violência é um ponto de intersecção entre o mito e a ciência no processo de expansão da cultura ao longo do desenvolvimento da humanidade.

Sua inegável presença desde tempos imemoriais até a atualidade é testemunha de que uma parte da energia libidinal responsável pela agressividade encontra-se preservada no homem e segue ameaçando a humanidade, ainda que outra parte esteja direcionada à satisfação sexual e à busca da segurança prometida pela civilização. Daí a necessidade de leis que reconheçam tal inclinação humana e regulem a dinâmica social (CAMPOS, 2019):

Não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado pela lei. Não há lei que ordene aos homens comer e beber ou os proíba de colocar as mãos no fogo. (...) A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a própria natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir. Por conseguinte, podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural a cometer. (Frazer, 1910,4,97 e seg – citado por Freud Freud, 1913, p.129)

O Código de Hamurabi, datado do século XVIII a.C., é reconhecido como o mais antigo conjunto de leis escritas da humanidade. Foi criado para ordenar as relações sociais do império babilônico e fundamentou-se na Lei de Talião que prevê uma justa reciprocidade pena-crime e estabelece a prática do *olho por olho, dente por dente* como reguladora das interações em sociedade. Assim, o castigo para o homicida era a morte, tenha tido ele intenção ou não de matar. Posteriormente, o Código Assírio — 1400 a.C. —, considerado pelos historiadores como ainda mais rigoroso do que o Hamurabi, sustenta que o homicida seja entregue ao parente mais próximo da vítima para que este, lançando mão de seu livre arbítrio, escolha entre matá-lo ou tomar os seus bens.

Ao contrário dos babilônicos e dos assírios, os romanos da Antiguidade reconheciam o homicídio como um crime contra a ordem jurídica do Estado. Portanto, sua pena não era administrada por particulares. Sua sanção variava de acordo com as posses do infrator: se o assassino possuísse bens, era deportado e seus bens, confiscados; se não os possuísse, aplicava-se a pena de morte (JOSÉ, 2017).

Por sua vez, o Alcorão anuncia que a agressividade não é estimada por Deus e que a perseguição é mais grave do que o homicídio.

190 Combatei,(77) pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores.

191 Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada(78), a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos.(ALCORÃO, 2ª SURATA, VERSÍCULOS 190-191)

O breve passeio realizado pelo universo do suicídio e do homicídio visou expor que não há um entendimento único sobre nenhum dos dois fenômenos. Ao longo do desenvolvimento da



humanidade, povos distintos perceberam de diferentes formas as ocorrências de homicídios e de suicídios em suas épocas. De acordo com a cultura de um povo e das circunstâncias em que foi cometido, o homicídio pode ser reconhecido como ação honrosa e predestinar-se à glória, ou ser tido como crime hediondo e estar sujeito à execração pública e às penas da lei. Quanto ao suicídio, cabem os mesmos reconhecimentos atribuídos ao homicídio, seja a glória ou a lei, acrescidos de um terceiro, mais comum e atual: o silêncio.

O crime e suas teorias

Com o intuito de entender as possíveis causas para um crime, as mais controversas teorias foram elaboradas. Teorias biológicas atribuem ao comportamento homicida uma predeterminação genética ou a existência de lesões no córtex pré-frontal ou, até mesmo, a demência no lobo frontotemporal. Teorias psicológicas originárias dos anos 1970 e ainda reforçadas no século XXI admitem que uma pessoa pouco inteligente, isto é, que obtém um Quociente de Inteligência (QI)³ baixo em um teste de avaliação, é mais propensa ao crime do que uma pessoa inteligente. Outras teorias buscam encontrar nos traços da personalidade do criminoso as causas para a efetivação de seu crime. Elas dão mais atenção para sua agressividade, impulsividade, frieza e falta de empatia, assim como para sua sociabilidade, assertividade, dominância, ousadia e insurgência, sem perder de vista possíveis traços de ansiedade, depressão, culpa e baixa autoestima. Teorias sociológicas apontam para a pressão social como possível elemento motivador da ação criminosa. Admitem que as barreiras institucionais e sociais levantadas como impedimento para a realização de objetivos de determinados grupos podem ser determinantes para a eclosão de um crime e

reconhecem, inclusive, que há crimes esperados em alguns contextos sociais. (CLAUDIO, 2016)

Sob uma nova perspectiva, visitaremos a Teoria Social Cognitiva, proposta pelo psicólogo canadense Albert Bandura. Nela, o cientista enuncia que a maior parte do aprendizado humano se dá de forma indireta pela observação, contrapondo-se aos behavioristas que concebem a cognição humana como um resultado de punições e reforços atribuídos, respectivamente, a comportamentos errados ou exitosos (BANDURA, 1977).

Para Bandura, não é possível que cada novo membro de uma sociedade assimile sua língua, moral, religião, práticas políticas, educacionais e familiares, entre outras, a partir da tentativa, erro e acerto, submetendo-se, inclusive, ao alto risco desse longo processo. Em vez disso, propõe que o aprendizado se processe de maneira encurtada a partir da *modelação*, processo pelo qual “as pessoas padronizam seus estilos de pensamento e comportamento segundo exemplos funcionais de outras pessoas” (BANDURA, 2005). Via de regra, adota-se um modelo que parece útil ou valorizado pelo meio social em que se está inserido, rechaçando-se o que se desvia desse padrão.

Admitindo a Teoria Social Cognitiva como referência, podemos afirmar que estamos em processo de modelação quando, por exemplo, observamos um condutor guiar um carro, um professor resolver uma equação ou um electricista tomar os cuidados para não receber um choque elétrico. A modelação indica-nos o que fazer e o que não fazer; é resultado da observação de pessoas que consideramos poderosas ou competentes, as quais elegemos como modelo. (BANDURA, 1977).

³ Quociente de Inteligência (QI): Medida de capacidade cognitiva de uma pessoa proposta pelos cientistas Alfred Binet e Theodore Simon por volta de 1905.



Assim, se julgarmos interessante algum fenômeno, se nos for possível aceder seus elementos sensoriais — imagens, sons etc — e se conseguirmos compreender seu significado, estaremos prontos para retê-lo em nossa memória e ensaiá-lo mentalmente, adaptando-o às condições que nos interessam. Desse ponto em diante, especialmente se houver uma motivação, todas essas representações cognitivas poderão ser convertidas em ações e reproduzidas para atingir um objetivo desejado. (ibidem)

A modelação não é um processo construtor de simples imitação de ações e de pensamentos, de pura resposta mimética a um modelo: ela emerge da combinação de características de modelos distintos, selecionadas e amalgamadas pelo indivíduo que, com sua criatividade, constrói comportamentos alicerçados, embora diferentes dos modelos originais.

Desde a invenção do rádio, no início do século xx, avanços tecnológicos possibilitaram a diversas mídias alcançarem, quase simultaneamente, um grande número de indivíduos nos mais recônditos lugares. Isso traz como consequência uma alteração radical na difusão social responsável por promover mudanças transculturais e sociopolíticas. Essas novas formas de difusão midiática incrementaram um tipo específico de modelação chamada por Bandura de “modelação simbólica global” (BANDURA, 2005, p.20) e aumentaram significativamente o poder de influenciar o comportamento humano por meio da mídia.

Thais Bandeira e Daniela Portugal, professoras da Universidade Federal da Bahia, acompanhando o entendimento de cientistas criminais como Tarde e Antonio Molina, distinguem a criminalidade como um fenômeno social “governado pela imitação como todos os fatos sociais” (BANDEIRA & PORTUGAL, 2017, p.33). Essa corrente de

pensadores reconhece que o criminoso se manifesta em muitas circunstâncias como um imitador e coloca a pedagogia social em lugar mais relevante do que os aspectos hereditários, climáticos, intelectuais etc., no que tange à etiologia do crime. Ao presente trabalho, interessam especialmente as considerações da professora estadunidense Jacqueline B. Helfgott — *Department of Criminal Justice Crime & Justice Research Center at Seattle University* — que, em consonância com a Teoria Social Cognitiva, admite a ocorrência de um crime como imitação de outro ou por influência da mídia. (HELFGOTT, 2015).

Helfgott adverte que as imagens de alta tecnologia sistematicamente utilizadas pela mídia para exibir crimes colaboram para o rompimento da linha que separa a fantasia da realidade e podem inspirar a eclosão de outros crimes, inclusive mais bem elaborados. Revela que nas décadas de 1960 e 1970 um dos temas mais estudados das Ciências Sociais nos EUA foi a relação entre a violência apresentada na televisão e a agressividade no mundo real. Esses trabalhos - reconhecidos pelos *National Institute of Mental Health, American Academy of Pediatrics, American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* e *American Medical Association* - e outros mais recentes, sugerem que há uma relação direta entre a violência apresentada na televisão e aquela desencadeada como imitação no mundo real.

Discussão

Essa modalidade de violência forjada a partir da imitação de outra, presente em muitos homicídios, tem seus alicerces na observação do mundo, mas não se manifesta como simples cópia, pois para ser levada a cabo precisa se harmonizar com as condições e os desejos do agressor. Estrutura-se portanto como um aprendizado social emergente do processo de modelação que alça personagens e



peças reais expostas na mídia à posição de modelos a serem seguidos, especialmente quando suas ações ganham notoriedade. Para se referir a essa imitação do comportamento homicida, utilizaremos o termo *Efeito Bandura*, como homenagem a Albert Bandura, pai da Teoria Social Cognitiva.

A partir dessa compreensão, cabe-nos indagar os profissionais de mídia, assim como toda a sociedade, sobre a falta de cuidados e de limites na publicação de notícias sobre homicídio: *por que não levar em consideração as consequências do Efeito Bandura ao se publicar notícias sobre homicídios?*

Apesar dos resultados de muitas pesquisas respaldarem nosso ponto de vista sobre a existência e o perigo da agressividade modelada, há investigações que não identificam ligação entre a violência divulgada pelos meios de comunicação e a experimentada pela sociedade. É bem verdade que não se pode atribuir causa única a um homicídio e nem garantir que, entre os fatores que contribuíram para todos, esteja o Efeito Bandura, mas desprezá-lo não nos parece uma boa conduta.

Para fortalecer nossa argumentação, citaremos alguns crimes emblemáticos, realizados a partir da imitação criativa. Homicídios conhecidos mundialmente que explicitam a presença do Efeito Bandura como importante fator genealógico.

- O ataque à Escola Emery, em Toronto, no ano 2000, e outras violências dirigidas a escolas pelo mundo, foram inspiradas no Massacre de Columbine, de 1999;
- Derek Brown, 120 anos depois de Jack, o Estripador — que dispensa apresentações —, adotou-o como modelo e fez várias vítimas em 2008 na região de Whitechapel (Londres);

- Motoristas amarraram pessoas a caminhonetes e deram partida, copiando o crime de James Byrd Murder, que arrastou três supremacistas brancos com uma caminhonete no Texas, em 1998;
- Intoxicações por cápsulas de Tylenol adulteradas contendo cianeto nos anos 1980 e 1990 foram replicadas 270 vezes nos EUA. (HELFGOTT, 2015).

Cabe-nos ainda argumentar que as investigações sobre o suicídio também não são unânimes em demonstrar uma relação direta entre um suicídio e sua cópia. Entretanto, o suicídio é reconhecido como um fenômeno complexo que pode contar com múltiplos fatores, que incluem o Efeito Werther. Visando mitigá-lo, foram escritos manuais direcionados aos profissionais de mídia e criada uma nova ética para nortear a elaboração de notícias que visassem divulgá-lo.

Retornamos, então, aos nossos questionamentos: *Por que não há um manual orientativo para a elaboração de notícias sobre o homicídio que vise à redução do Efeito Bandura, nos moldes do que já existe para o suicídio?*

Se esta pesquisa falha em negar a existência dessas orientações, desses manuais, desculpamo-nos antecipadamente, mas outro problema então se impõe: *Por que essas orientações não são facilmente localizadas, como as relativas aos suicídios? Por que nem mesmo os setores considerados sérios da mídia as seguem?*

Há certamente alguma coisa para além de pura negligência ou imperícia no descuido com a prevenção do homicídio que contrasta com o tratamento dado à prevenção do suicídio. Este trabalho não é capaz de apontar as causas dessa omissão, mas questiona a sua razão aos setores da sociedade que deveriam estar empenhados na sua



prevenção, desde os poderes legislativos até os veículos de comunicação públicos e privados, sem isentar as organizações multilaterais nacionais e internacionais.

Apesar de não nos sentirmos aptos a apontar as reais razões para o descaso, não nos furtaremos a levantar algumas considerações sobre o tema, buscando contribuir para o entendimento e a alteração do quadro instalado no Brasil.

Vivemos em uma sociedade de consumo manejada pelas mãos invisíveis e perversas do deus-mercado, que reconhece cada indivíduo como uma célula consumidora e produtiva treinada para gerar lucros em favor dele. O mercado não admite a ideia de que um indivíduo decida não mais lhe servir, interrompendo sua vida e, conseqüentemente, sua produção e seu consumo. Por isso, e não por motivos humanitários ou religiosos, estimula-se a prevenção do suicídio.

É bem verdade que, mesmo após a morte, o suicida continuará a render dividendos ao seu senhor, arcando, por intermédio de outros, com os custos da necroindústria para sepultá-lo e assim mantê-lo, mas este é um pequeno *resto*, se comparado ao deixado pelo homicida.

No homicídio, há a produção de um duplo *resto* lucrativo para o mercado, e por isso ele é tolerado, se não, desejado. Por parte da vítima, alimenta-se a necroindústria. Por parte do criminoso, movimenta-se toda uma cadeia produtiva para capturá-lo, julgá-lo, prendê-lo e mantê-lo preso. O homicida pagará a pena para a sociedade [de consumo] e o Estado arcará com as custas para que ele o faça. Não é à toa que o verbo usualmente utilizado para se referir ao cumprimento de pena é o verbo *pagar*, derivado do léxico do mercado, fiel e antigo parceiro do Estado Moderno. Além desses aspectos, cabe-nos ressaltar que a ampla,

detalhada e reiterada divulgação dos homicídios pelos meios de comunicação produz uma crescente sensação de insegurança na sociedade que, para se sentir mais segura, irá consumir de cadeados a óleos ungidos e alimentar toda uma rede de vendedores de segurança e de bem estar ávidos por dinheiro e por poder.

Desse ponto de vista, temos o homicídio patrocinado pelas leis do mercado, assumindo seu espaço midiático e gerando os desejados lucros com a produção de espetáculos, enquanto, renegado ao esquecimento e fora dos holofotes da mídia, o suicídio é fortemente combatido. Do que estamos falando, afinal? De humanidade?

Antonio C. B. Campos⁴
Professor e Psicanalista



⁴ Doutorando em Psicologia Social e Mestre em Psicanálise pela UK - Buenos Aires. Professor de Matemática da FAETEC-RJ. Associado ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise do Rio de Janeiro.



Referências

ALCORÃO SAGRADO. Versão portuguesa diretamente do árabe por Samir El H São Paulo: Tangará, 1975. 491 p.

BANDEIRA, T. & PORTUGAL, D. **Criminologia / Thais Bandeira, Daniela Portugal**. Salvador: UFBA, Faculdade de Direito, Superintendência de Educação a Distância, 2017.

BANDURA, A. **Social Learning Theory**. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1977

BANDURA, A. **The evolution of social cognitive theory**. In: Smith, K.G.; Hitt, M.A. Great minds in management. Oxford University Press, 2005. p. 9-35.

BÍBLIA SAGRADA CATÓLICA: Antigo e Novo Testamentos. **Genesis**. Publicada por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA.2015. p.p.6-7".

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **As exéquias cristãs**. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p2s2cap4_1667-1690_po.html>. Acesso em: 12 de março de 2021

CAMPOS, A. C. B. **En busca de un padre para las neurosis: La rivalidad entre padre e hijo**. Dissertação (Maestría em Psicoanálisis) – Universidad Kennedy. Buenos Aires, p.123. 2015.

CAMPOS, A. C. B. **La inquietud de hoy y siempre**. Revista Digital Prospectivas en Psicología, Buenos Aires, v. 4, n.1, pp. 77-87, dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.kennedy.edu.ar/wp-content/uploads/2020/03/00_04_Revista-Prospectiva.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2021

CLÁUDIO, R. M. **A experiência de homicídio cometido por mulheres**. Dissertação (Maestrado em Psicologia) – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. p.204. 2016.

COMO O BUDISMO VÊ O SUICÍDIO?. Monja Coen. **Youtube**. 1min41s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=slwxKzkScrW&lc=UgwxXkiTWnZD3xkEvNV4AaABAq>>. Acesso em 16 de março de 2021

MARIO SERGIO CORTELLA - SUICÍDIO. Canal do Cortella. **Youtube**. 8min17s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aQqWXPbg-4>>. Acesso em 16 de março de 2021

CORREIO DA CIDADE. **Jovem de 16 anos é acusada de matar bebê após dar à luz em casa**. Alto Paraopeba, 9 de outubro de 2019. Disponível em: <<http://www.jornalcorreiodacidade.com.br/noticias/18148-jovem-de-16-anos-e-acusada-de-matar-bebe-apos-dar-a-luz-em-casa>> Acesso em: 12 de março de 2021.

DURKHEIM, E. **O suicídio**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERREIRA, R.S, MARTIN, I.S, ZANETTI, A.C.G, VEDANA, K.G.G. **Notícias sobre suicídio veiculadas em jornal Brasileiro**. Cien Saude Colet [periódico na internet] (2019/Ago). Disponível em: <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/noticias-sobre-suicidio-veiculadas-em-jornal-brasileiro/17299?id=17299>>. Acesso em: 18 de março de 2021.

FREUD, S. **Totem e Tabu**, 1913 [1912-13]. In: _____. Totem e Tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.11-163. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

GONÇALVES, E. **O único brasileiro vivo condenado por genocídio é retrato de terra sem lei**. Revista Veja, Brasil, 17 de julho de 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/o-unico-brasileiro-vivo-o-condenado-por-genocidio-e-retrato-de-terra-sem-lei/>>. Acesso em: 12 de março de 2021.

GOOGLE. **Busca: orientações para noticiar suicídios**. Disponível em: <https://www.google.com/search?rlz=1C1PNBB_enBR930BR930&ei=R5hTYJGBGeP25gKi3pP4Bg&q=orienta%C3%A7%C3%B5es+para+noticiar+suic%C3%ADdios&og=orienta%C3%A7%C3%B5es+para+noticiar+suic%C3%ADdios&gs_lcp=Cgnd3Mt_d2l6EAM6BwgAEecQsAM6CAqhEBYQHRAeOqUllRCgAVCII1ilSGD1TWgGcAJ4AIAB_AGIAbsUkgEGMC4xMS4zmAEAoAEBqgEHZ3dzLXdpesgBCMABAQ&sc=client=gws-wiz&ved=0ahUKEwjRwN7yulLrvAhVju1kKHSLvBG8Q4dUDCA0&uact=5> Acesso em: 18 de março de 2021.

Busca: orientações para noticiar homicídios. Disponível em: <https://www.google.com/search?rlz=1C1PNBB_enBR930BR930&ei=IJITYJvZOIKc5qLHqoiYAw&q=orienta%C3%A7%C3%B5es+para+noticiar+homic%C3%ADdios&og=orienta%C3%A7%C3%B5es+para+noticiar+homic%C3%ADdios&gs_lcp=Cgnd3Mt_d2l6EAEYADIFCCEQoAE6BwgAEecQsAM6BwghEAoQoAFQ2filFWI7pEWDu-hFoA3ACeAGAAfoBiAHJD5IBBjAuMTAuMZgBAaABAqABAaoBB2d3cy13aXr>



[IAQjAAQE&scient=gws-wiz>](#) Acesso em: 18 de março de 2021.

HELFGOTT, J. B. (2015). **Criminal behavior and the copycat effect: Literature review and theoretical framework for empirical investigation**. *Aggression and violent behavior*, 22, 46-64. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2015.02.002>. Acesso em: 09 de abril de 2021

HENRIQUE, A. **Filho mata o pai de 63 anos a marteladas em São Paulo**. São Paulo, Folha de São Paulo/UOL, 5 de março de 2021. Disponível em <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/03/idoso-e-morto-pelo-proprio-filho-a-marteladas-na-zona-norte-de-sp.shtm>. Acesso em: 12 de março de 2021.

JOSÉ, A. **Homicídio: dos primórdios aos dias atuais**. Jusbrasil, 2017. Disponível em: <https://joseaop1984.jusbrasil.com.br/artigos/428958974/homicidio-dosprimordios-aos-dias-atuais>. Acesso em: 24 de março de 2021

KARDEC, A. **O livro dos espíritos**: filosofia espiritualista / recebidos e coordenados por Allan Kardec, Tradução de Guillon Ribeiro, 93ª edição. Brasília: FEB, 2013

MARIO SERGIO CORTELLA - SUICÍDIO. Canal do Cortella. **Youtube**. 18 de junho de 2018. 8min17s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aQqWXPbq-4>. Acesso em 16 de março de 2021

MININNI, G. **Psicologia cultural da mídia**. São Paulo: A Girafa, Sescsp, 2008

OMS. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf. Acesso em: 18 de março de 2021

RODRIGUES, M. **Polícia investiga morte de homossexual com 17 facadas no Complexo da Maré**. Rio. G1 Rio, Rio de Janeiro, 29 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/29/policia-investiga-morte-de-homossexual-com-17-facadas-no-complexo-da-mare-rio.ghtml>. Acesso em: 12 de março de 2021.

SAMPAIO, J. **Ex-marido que assassinou juíza tem prisão convertida em preventiva**. Revista Veja, Brasil, 26 dez de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/ex-marido-que-assinou-juiza-tem-prisao-convertida-em-preventiva/>. Acesso em: 12 de março de 2021.